

Religião e Pluralismo

Cezar de Alencar Arnaut de Toledo

UEM

Correio eletrônico: caatoledo@uem.br

Helaine Patrícia Ferreira

CESUMAR

Correio eletrônico: helaine@cesumar.br

PANASIEWICZ, Roberlei. *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*. 2007. São Paulo, Edições Paulinas; Belo Horizonte, Editora PUC Minas. - (Coleção Estudo da Religião). 198p.

No livro *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*, o autor discute o modo de pensar de um dos grandes nomes da teologia contemporânea: Claude Geffré. Nascido na França (Niort), em 1926, teólogo herdeiro de uma grande tradição do século XX francês, autor de vários livros sobre os efeitos do pluralismo religioso nas Igrejas européias. Padre da Ordem dos Pregadores (Dominicano), por mais de 20 anos foi professor de Teologia Dogmática em *Le Saulchoir* e em seguida, de Hermenêutica Teológica, Teologia Fundamental e, Teologia das Religiões, no conceituado *Institute Catholique* de Paris. Em 1996 foi eleito diretor da *École Biblique* de Jerusalém e, ainda, membro fundador e colaborador permanente da Revista Internacional de Teologia – *Concilium*.

Claude Geffré defende o princípio de que a teoria hermenêutica não deve ficar limitada apenas à sua tradição, ou seja, deve ser contrária ao fundamentalismo bíblico-teológico, mas que, no entanto, tem que reconhecer as verdades da teologia das religiões. À luz da reflexão teológica de Claude Geffré, o professor Roberlei Panasiewicz, natural de Cambé (PR), coordenador

adjunto e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e do Programa de Pós-Graduação em Teologia Pastoral da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), faz uma análise da identidade cristã e, particularmente, a identidade católica, onde é investigado o diálogo com as demais tradições religiosas, uma vez que o diálogo inter-religioso tem se afirmado, principalmente, nestas últimas décadas, como uma exigência e, também, como um grande desafio para a teologia cristã.

Claude Geffré é um teólogo preocupado com a temática religiosa e buscou pensar de uma maneira consciente o pluralismo religioso, ou seja, “um pluralismo religioso de princípio ou de direito” (p. 100), isto é, fazendo parte do mundo misterioso de Deus. Esse teólogo demonstra o entendimento da teologia hermenêutica, que realizou uma virada no modelo de fazer teologia, e a tornou uma dimensão interior da razão teológica, passando da teologia dogmática – fechada, à autoridade do magistério da igreja católica – para a teologia hermenêutica – aberta ao risco da interpretação.

O trabalho é dividido assim: a primeira parte: “A virada hermenêutica da teologia” (p.19-101) traz a reflexão, subdividida em três capítulos: I - O sentido filosófico e teológica de hermenêutica (p. 19-50); II - “A negação da hermenêutica: o fundamentalismo” (p. 51-73) e; III – “A teologia hermenêutica em Claude Geffré” (p. 75-101). A segunda parte “A teologia hermenêutica e teologia das religiões” (p. 105-184), também apresenta três capítulos: I – “A compreensão da teologia fundamental: a questão do pluralismo de princípio (p.105-123); II – “A dimensão cristológica: Jesus como universal concreto” (p.125-155) e; III – “A perspectiva eclesiológica: reinterpretando a missão e a concepção de verdade” (p. 157-184).

Na primeira parte o autor teve o cuidado de contextualizar muito bem a origem da hermenêutica (p. 20), passando desde o mito de Hermes, “mensageiro dos deuses”, “deus das estradas”, “protetor dos viajantes” (p. 21), como também pelo sentido filosófico da hermenêutica, falando de alguns autores da filosofia e da teologia modernas – Friedrich Schleiermacher (1768-

1834), Wilhelm Dilthey (1833-1911), Martin Heidegger (1889-1976) e Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e, dentro do contexto do sentido teológico da hermenêutica, também teve o cuidado de citar valiosos autores que em muito contribuíram para a hermenêutica: Karl Barth (1886-1968) e Rudolf Bultmann (1884-1976) e, finaliza:

A hermenêutica, tanto na perspectiva filosófica quanto teológica, com esses e outros autores, teve grande desenvolvimento, sobretudo no último século, e possibilitou a evolução da teologia cristã de maneira ímpar. Entretanto, sua aceitação não foi, nem continua sendo unânime, nem na reflexão teológica cristã, nem em outras reflexões teológicas. Houve algum movimento que se contrapôs e ainda se contrapõe à reflexão hermenêutica? (p. 50)

No capítulo II, ainda na primeira parte, há os títulos “o que é fundamentalismo”, “as origens históricas do fundamentalismo”, “o integrismo católico e os fundamentalismos islâmico e judaico” e, “as causas e as implicações teológicas do fundamentalismo”. Dentro deste último item, aborda a concepção ingênua da inspiração, assim como da rejeição da instância hermenêutica na leitura da Escritura e, finalmente, o desconhecimento da história.

O capítulo III – “A teologia hermenêutica em Claude Geffré”, também apresenta três momentos interligados: a teologia dogmática e a passagem para a teologia hermenêutica, em seguida, as conseqüências e as tarefas dessa nova maneira de fazer teologia e, finalmente, as implicações dessa compreensão para a teologia das religiões, ou seja, expõe da teologia dogmática à teologia hermenêutica, abordando “um saber definido pela autoridade” (p. 76), passando por “um saber construído pela interpretação” (p. 79), “as conseqüências do modelo hermenêutico para a teologia” (p. 84), “a tarefa da teologia e do teólogo” (p. 89) destacamos:

O teólogo é aquele que, ao compreender os evangelhos como *narração interpretativa* da primeira comunidade cristã do evento Jesus Cristo, ao perceber a tradição como retomada criadora da mensagem original e ao

sentir a busca da comunidade atual, arrisca uma reinterpretação da linguagem da fé. Entretanto, Geffré alerta para o risco que apresenta a expressão “a tarefa do teólogo consiste em renovar a linguagem da fé”, pois é ambígua. O problema não é só de tradução, adaptação ou acréscimos novos em relação a um núcleo doutrinal, que permaneceria imutável. (p. 91)

A segunda parte do livro trata a teologia hermenêutica e a teologia das religiões, segundo Claude Geffré. Ele concebe de forma nova o tema da secularização e do pluralismo religioso, percebido como pluralismo religioso de princípio ou de direito. Nesse capítulo discute o tema da secularização, critério hermenêutico do cristão, sobre a mundialização e o pluralismo religioso, o próprio pluralismo religioso como novo paradigma teológico, ou seja, “o pluralismo religioso pode ser expressão da vontade mesma de Deus que tem necessidade da diversidade das culturas e das religiões para melhor manifestar as riquezas da plenitude de verdade que coincide com o mistério mesmo de Deus”. (p. 115)

No capítulo sobre a dimensão cristológica: Jesus como universal concreto, chama a atenção sobre alguns teólogos, que tentam demarcar a identidade cristã sem fechamento ou mesmo sem risco de, talvez, vir a perder a fundamentação dessa tradição religiosa. Aqui, afirma que Geffré traz uma alternativa para essa problemática, isto é, passa pelo paradigma cristocêntrico. Antes, aborda o princípio encarnacional: Jesus Cristo como Filho encarnado de Deus, “de forma breve, pode-se dizer que, se Deus é sobrenatural e as religiões são naturais, não há possibilidade de elas, por si mesmas, conduzirem seus fiéis até Deus” (p. 129-130).

No capítulo seguinte, “A interpretação eclesiológica: reinterpretando a missão e a concepção da verdade”, tem como foco a missão, ou seja, uma nova maneira de entender a verdade, assim como as condições dessa verdade, as formas de um ecumenismo inter-religioso, abordando, também, um novo estilo de missão, “compreendendo a verdade”, “(...) a verdade não é pertencente a uma cultura ou religião (absoluta), nem relativa às várias culturas

e religiões, mas é no encontro dentre as várias culturas e religiões que elas poderão descobrir uma verdade até então não percebida por nenhuma delas” (p. 165).

Finalmente, aborda as condições para o ecumenismo inter-religioso, o respeito ao outro em sua identidade própria, a fidelidade no que diz respeito à sua própria identidade, a necessidade de uma certa igualdade entre os parceiros para que haja diálogo, e finaliza com as formas de diálogo inter-religioso, o diálogo da vida, o diálogo a serviço das grandes causas, a troca na ordem espiritual.

Segundo o autor, no geral, a grande reflexão de Geffré diz respeito à criação de um “ecumenismo inter-religioso”, uma vez que, juntas, as religiões tendem a compartilhar seu “patrimônio comum”, ou melhor, suas experiências diretas de Deus. Durante muito tempo a Igreja Católica agiu como se estivesse protegida, isto é, sempre amparada pela filosofia metafísica e aristotélica e ainda a teologia cristã. Esta hoje é questionada pela cultura não-religiosa.

As várias ciências, no entanto, assim como toda a sua racionalidade nos tempos modernos, não conseguiram concretizar os sonhos prometidos. Assim, o retorno do sagrado ou mesmo do reencantamento do mundo, fez com que brotassem novas religiões. Essa variedade provocou também uma imensa reflexão teológica cristã, tendo em vista que as convicções religiosas, assim como as verdades absolutas, passaram a ser desafiadas ou, mesmo contrapostas e desafiadas.

A importância do livro “Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré” de autoria de Roberlei Panasiewicz, reside na tentativa de explorar o campo do pensamento, Claude Geffré, que encara o desafio de provocar e procurar pensar as perguntas da modernidade. Claude Geffré entende o pluralismo religioso como sendo um novo “paradigma” para a teologia cristã, e isso impulsiona a retomada e a reavaliação dos conceitos tradicionais, assim como os conceitos, os tratados, as doutrinas. O livro trata da teologia hermenêutica e da teologia das religiões em Claude

Geffré, demonstrando como ele responde aos questionamentos do pluralismo religioso contemporâneo, propondo uma abertura entre diálogo e tradições religiosas.

A leitura desse livro é especialmente indicada aos professores que trabalham com a disciplina de Ensino Religioso na escola pública. Ele fornece, indiretamente, um valioso instrumento de reflexão sobre a “tolerância” mitigada, tal comum nos dias de hoje. Ecumenismo e diálogo inter-religioso são, ao mesmo tempo desafio e necessidade.

Recebido em abril/2007.

Aprovado em junho/2007.